

MAPEAMENTO TOPONÍMICO DE BAIRROS DE MOSSORÓ/RN

Luziano Barreto

Jéssica Girlaine Guimarães Leal

RESUMO

Esse trabalho tem como finalidade registrar 10 sinais toponímicos de bairros da cidade de Mossoró/RN. Para isso, fizemos uso de uma pesquisa de cunho qualitativo, exploratória e de campo, realizamos entrevista com 6 alunos Surdos a fim de mapear os sinais utilizados. Para a presente pesquisa nos baseamos em DICK (1992), SOUZA-JUNIOR (2012), LEAL (2020), para discussão sobre topônimos enfocando na toponímia em Libras. Almejamos mapear os sinais utilizados para designação dos bairros mossoroenses, bem como colaborar para valorização dos estudos linguísticos da língua de sinais ao qual julgamos ser fundamental para fortalecimento da cultura e identidade surda.

Palavra-chave: Libras; toponímia; surdos; cidades.

1 INTRODUÇÃO

A Libras é a Língua Brasileira de Sinais, uma língua espaço visual, com uma estrutura linguística e gramatical própria, diferente do português. É uma das principais formas de comunicação das pessoas surdas no Brasil. Segundo a lei 10.436/02, declara:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.
Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora,

com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Essa lei desempenhou um papel fundamental no reconhecimento da língua utilizada pela comunidade surda no Brasil. Além disso, ao longo do tempo, houve uma crescente inclusão dos surdos em diversos âmbitos sociais, e os estudos passaram a se concentrar na compreensão das questões relacionadas aos surdos, sua língua e cultura. Nesse contexto, a linguística emergiu como uma disciplina essencial para auxiliar na compreensão dos padrões linguísticos dos indivíduos surdos. A investigação das línguas de sinais teve seu início por volta da década de 1960 com o pesquisador William Stokoe, que publicou um trabalho pioneiro intitulado "*Language Structure: An outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf*", um estudo dedicado à ASL (American Sign Language), a língua de sinais norte-americana. Segundo Quadros (2013, p. 15), Ferreira Brito foi a pioneira nos estudos linguísticos da Libras no Brasil, focando na variante de São Paulo, e a língua de sinais Urubu-Kaapor, que faz parte da família linguística Tupi-Guarani, destacando tanto as semelhanças quanto às diferenças existentes entre essas duas línguas.

Dentro do campo da linguística, encontramos os estudos onomásticos, que se dedicam à análise dos nomes próprios em seus diversos aspectos gramaticais, etimológicos, sócio-históricos, geográficos e outros. A toponímia, por sua vez, é uma subárea da onomástica, focada especificamente na investigação dos nomes de lugares e suas características. Como Ullmann (1964, p.161, *apud* SOUZA-JÚNIOR, 2012, p.22) explica, a palavra "toponímia" tem origem grega, onde "topos" significa "lugar" e "onoma" significa "nome". Portanto, a toponímia é a ciência que estuda os nomes de lugares e os designativos geográficos, sejam eles de ordem cultural, física ou humana. Essa disciplina faz parte de um campo mais amplo chamado onomástica ou toponomástica, que investiga a origem dos nomes próprios.

Dick (1990) é uma grande referência nos estudos toponímicos brasileiros, explorando os topônimos com uma profunda consideração pela cultura e história das comunidades onde estão inseridos, bem como pela influência desses elementos na formação dos próprios topônimos. Além disso, ela oferece um modelo taxonômico que se baseia nas causas motivadoras na criação de topônimos (SOUZA; DARGEL, 2021). O estudo da toponímia não é apenas uma análise linguística; ele desempenha um papel crucial na compreensão das interações entre a sociedade e a natureza, representando, acima de tudo, uma ferramenta para a reflexão do espaço geográfico. Ao estudar o espaço sob a perspectiva dessa interação, é

possível entender as transformações que ocorreram ao longo do tempo e as culturas que se desenvolveram nesse contexto. A atribuição de nomes a espaços específicos é uma forma de territorialização que reflete a identidade de um grupo ao longo do tempo. Investigar os nomes dados a cada lugar nos permite desvendar as relações que se estabeleceram nesses territórios.

Na Libras, também existem os estudos toponímicos, desempenhando um papel significativo na promoção e documentação da riqueza cultural e geográfica do Brasil. O pioneirismo nesse campo é atribuído a Souza-Júnior (2012), cuja dissertação de mestrado inaugurou a pesquisa toponímica em Libras. Nesse estudo, Souza-Júnior mapeou e catalogou 265 topônimos brasileiros em sinais, construindo assim, uma valiosa ficha lexicográfica que serve como ponto de partida para investigações posteriores. No que tange aos aspectos formais dos topônimos em Libras, Sousa (2019) fez uma notável contribuição ao campo de estudos linguísticos, destacando quatro formas distintas de construção desses sinais toponímicos:

a) formação simples, quando há apenas um formativo da língua de sinais nativa; b) formação simples híbrida, quando há apenas um formativo com empréstimo da língua oral em sua estrutura; c) formação composta, quando há mais de um formante, e todos os elementos são da língua de sinais nativa; e d) formação composta híbrida, quando contém mais de um formato: sendo pelo menos um da língua de sinais nativa, e pelo menos outro com empréstimo de língua oral ou outra língua de sinais distinta da nativa. (SOUSA, 2022, p. 46)

Essas quatro formações representam um avanço fundamental na compreensão da complexidade e da riqueza linguística inerentes a essa língua de sinais. Posteriormente, Leal (2020) concentrou sua pesquisa nas variações lexicais dos topônimos em Libras, com um foco específico na região do sertão Paraibano. Sua análise se baseou na observação do uso desses topônimos por membros da comunidade surda, fornecendo percepções importantes sobre como a língua de sinais é dinâmica e está passível de sofrer variações entre seus falantes/sinalizantes. Mais recentemente, Menezes (2023) contribuiu para o campo dos estudos toponímicos em Libras ao mapear e analisar 10 topônimos na região interiorana do Rio Grande do Norte. Além de investigar os aspectos formais e motivacionais desses topônimos, Menezes empreendeu um importante trabalho de registro, visando à sua posterior disseminação e utilização pela comunidade surda e pesquisadores interessados.

Este artigo objetiva mapear os sinais toponímicos em Libras de alguns bairros de Mossoró/RN utilizados pela comunidade surda local. Este trabalho está estruturado da seguinte forma: Primeiramente, realizamos

1.1 Libras e estudos linguísticos

Apesar de ainda haver muito desconhecimento em relação às línguas sinalizadas, os sinais não são gestos holísticos, ou seja, não formam um todo indivisível. Quem primeiro percebeu os parâmetros internos dos sinais foi Stokoe em 1960. Os sinais são analisáveis como uma combinação de três categorias linguísticas sem significado: configuração de mão, locação e movimento. Ou seja, se mudarmos alguma característica de qualquer uma destas categorias, podemos mudar o significado de um sinal.

Essa descoberta foi muito importante, pois elevou as línguas de sinais ao mesmo patamar das línguas faladas. A partir do trabalho de Stokoe com a ASL, foi possível mostrar que a ASL também apresenta uma das características fundamentais das línguas humanas, que é a dupla articulação. Ou seja, de um lado existe um nível de significado constituído de morfemas, palavras, sintagmas e sentenças e de outro, um nível sem significado que no caso das línguas faladas corresponde aos sons que compõem as expressões com significado e nas línguas de sinais corresponde às configurações de mãos, às locações e aos movimentos com a mesma função das línguas faladas. Esses elementos sem significados são importantíssimos linguisticamente, pois distinguem significado quando combinados uns com os outros. Continuando o paralelo entre as línguas faladas e sinalizadas, as línguas de sinais também obedecem a restrições nas combinações entre seus elementos. Por exemplo, todas as línguas têm processos de assimilação, em que os sons tomam emprestado algumas ou várias características dos sons vizinhos.

1.2 Panorama dos estudos toponímicos no Brasil e em Libras

Na Língua de Sinais, como citamos anteriormente, o processo linguístico de uso ocorre muitas vezes através da língua portuguesa e isso enfraquece a evolução da língua por seus nativos. De modo hipotético, a questão da alfabetização da língua e o conhecimento lexical por seus nativos ainda é embrionário, isto é, a comunidade surda antes de qualquer estudo precisa conhecer e aplicar a linguagem para interagir com seus semelhantes e ouvintes.

No que afirma Souza & Novodvorski (2020, p. 8)

Na Libras, os nomes próprios nem sempre recebem um sinal imediato. Na maioria das vezes, utilizam -se empréstimos linguísticos por transliteração, isto é, o nome é sinalizado mediante a soletração por meio do alfabeto manual. Somente após a

imersão cultural da pessoa surda no contexto do espaço geográfico em questão é que o topônimo recebe um sinal, que se cristaliza na comunidade surda.

O espaço geográfico destacado pelos autores busca trazer a reflexão no fortalecimento da criação de nomes/sinais considerando a cultura surda ativa de uma determinada comunidade. Por isso, os povos surdos que se reúnem para a aprendizagem em língua de sinais favorecem ainda mais que a linguagem ocupa lugar no vocabulário local, por exemplo. Dick (1990) afirma que “o topônimo é caracterizado como um elemento linguístico comum de função onomástica que integra um processo relacionante de motivação, tornando possível deduzir conexões hábeis entre o nome propriamente dito e a área designada”. No nosso trabalho em questão, os topônimos pesquisados como veremos nos resultados e discussões tomou como base teórica a construção dos sinais a partir da motivação visual e vivência dos sujeitos participantes, corroborando assim com a assertiva da autora sobre o léxico toponímico também em língua de sinais.

Nesse sentido, Souza-Júnior (2012) trouxe contribuições para o estudo topônimo em Libras relacionando-a com a pesquisadora Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. Souza-Júnior apresenta observações que distanciam um pouco de Dick, pois a autora em sua análise não contempla a língua de sinais nas sentenças toponímicas. Dessa forma, a proposta de Souza-Júnior enriquece nossa base de estudo para explicar um pouco dos processos toponímicos achados na pesquisa.

Na região nordeste temos pesquisas toponímicas em Libras iniciadas com Leal (2020) ao qual abordam os topônimos de cidades e suas variações e especificamente no RN tivemos a pesquisa dos topônimos de cidades que compõem a região do médio oeste potiguar tratadas por Menezes (2023). Nessa direção, este trabalho vem corroborar com estes estudos e objetiva tratar sobre os topônimos de bairros da cidade Mossoró no Rio Grande do Norte como poderemos ver no percurso metodológico mais adiante.

2 METODOLOGIA

Realizamos uma pesquisa bibliográfica, exploratória, qualitativa e de campo. Trata-se de um estudo bibliográfico, de cunho qualitativo, que se concentra na exploração dos aspectos subjetivos e contextuais.

Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada.

Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. (Godoy, 1995, p. 21)

A pesquisa de campo caracteriza-se por investigações que, somadas às pesquisas bibliográficas e ou documentais, realizam coleta de dados junto a pessoas ou grupos de pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa. Neste sentido, a pesquisa de campo, assim como a bibliográfica, soma-se a outros procedimentos.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, como afirma Gil (2002, p.133):

A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. Pode-se, no entanto, definir esse processo como uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório.

Para a coleta de dados, realizamos entrevistas com 6 surdos associados à ASMOR (Associação de Surdos de Mossoró e Região). As entrevistas ocorreram de forma remota, utilizando a plataforma *Google Meet*, com o objetivo de investigar os sinais toponímicos utilizados pelos participantes. A escolha dos participantes foi feita com base em critérios pré-estabelecidos, assegurando que todos atendessem aos seguintes requisitos: serem surdos, terem concluído o ensino médio, e estarem associados à ASMOR. Esses critérios foram definidos para garantir que os participantes tivessem familiaridade com a comunidade surda local e um nível de escolaridade que possibilitasse maior clareza e consistência nas respostas.

A escolha dos sinais toponímicos foi um processo colaborativo. Durante as entrevistas, os participantes foram convidados a descrever os sinais que utilizavam no seu cotidiano para referenciar lugares específicos. Eles também puderam opinar sobre a clareza e a adequação desses sinais. Não foi realizada uma votação formal, mas as opiniões dos participantes foram consideradas, e houve consenso em relação à maioria dos sinais discutidos. Os participantes tiveram um papel ativo nas entrevistas, sendo encorajados a compartilhar suas percepções e sugestões. Eles puderam opinar livremente sobre os sinais toponímicos que consideravam mais adequados ou representativos, e suas sugestões foram cuidadosamente registradas. Entre as sugestões, os participantes mencionaram a importância de utilizar sinais que fossem amplamente compreendidos pela comunidade surda local, evitando regionalismos que pudessem dificultar a comunicação com surdos de outras áreas. Alguns participantes também sugeriram pequenas adaptações em sinais já existentes, com o

objetivo de torná-los mais intuitivos ou representativos de características físicas ou culturais dos lugares mencionados.

A ASMOR é uma instituição que pode se beneficiar significativamente com o mapeamento dos topônimos que abranjam termos regionais e culturalmente relevantes para a comunidade surda. Ela é composta por cerca de 175 membros surdos dos municípios de Mossoró, Pau dos Ferros e Areia Branca, que se reúnem semanalmente aos sábados para participar de atividades esportivas e culturais, constituindo uma instituição de grande importância para o estudo do léxico da Libras. Em pesquisas qualitativas, como esta, é comum utilizar uma amostragem intencional, onde se escolhem participantes que podem fornecer informações mais detalhadas e aprofundadas sobre o tema. Segundo André (2017), a amostragem Intencional é uma técnica onde os pesquisadores escolhem deliberadamente um subgrupo da população, com base em critérios específicos, para representar toda a população. Esses participantes são selecionados por suas características relevantes para o estudo, garantindo dados ricos e significativos, mesmo com um grupo menor. A quantidade de seis participantes foi considerada suficiente para obter uma boa representatividade de sinais toponímicos sem comprometer a qualidade das informações. Embora houvesse 175 membros na ASMOR, o grupo de seis foi considerado representativo, uma vez que os sinais toponímicos discutidos são compartilhados por uma boa parte da comunidade. A escolha desses participantes, com base em seus perfis, ajudou a garantir que as variações e diferenças principais fossem abordadas sem a necessidade de envolver um número maior de pessoas.

Para coleta de dados foram selecionados 10 bairros que compõem a cidade de Mossoró, são eles: Bairro Abolição (I, II, III e IV), Bairro Aeroporto, Bairro Alto de São Manoel, Bairro Alto do Sumaré, Bairro Barrocas, Bairro Belo Horizonte, Bairro Boa Vista, Bairro Bom Jardim, Bairro Nova Betânia, Bairro Planalto Treze de Maio.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, apresentaremos o perfil dos entrevistados e, posteriormente, analisaremos os dados coletados de cada topônimo individualmente.

Os colaboradores entrevistados possuem o seguinte perfil:

Tabela 01: Perfil dos participantes.

Nome	Faixa etária	Escolaridade	Associado a ASMOR
F1	41	Ensino médio	Sim
F2	49	Ensino médio	Sim
F3	45	Cursando ensino superior	Sim
F4	39	Cursando ensino superior	Sim
F5	26	Ensino médio	Sim
F6	45	Cursando ensino superior	Sim

Fonte: Elaboração própria, 2024.

Após compilação dos dados, listamos abaixo os topônimos de bairros apresentado pelos colaboradores:

3.1 Bairro Abolição (I, II, III e IV)

Os sinais dos bairros Abolições são realizados com as duas mãos fechadas com a CM em “S”, os dorsos virados para frente e com os antebraços cruzados. Fazendo o movimento de descruzar os antebraços virando os dorsos das mão para trás. Em seguida fazendo o número do bairro (I, II, III e IV), conforme a figura 1. O sinal é o mesmo sinal utilizado para a palavra “abolir” no contexto de abolir escravos.

Figura 1: Sinal dos bairros Abolição I, II, III e IV.



Fonte: Elaboração própria, 2024.

Link para visualizar o sinal: https://youtu.be/XS_wkBcU_K8.

3.2 Bairro Aeroporto

O sinal do bairro Aeroporto é realizado com as duas mãos em CM em “Y”, tocando os dedos polegares e depois afastando fazendo o movimento de subir e descer (figura 2). O sinal tem como motivação o desenho presente no muro do aeroporto da cidade que fica localizado no próprio bairro.

Figura 2: Sinal do bairro Aeroporto.



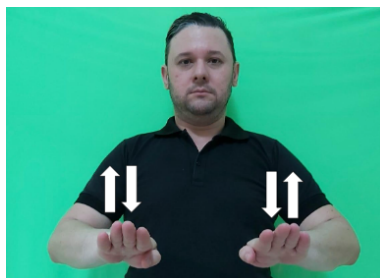
Fonte: Elaboração própria, 2024.

Link para visualizar o sinal: <https://youtu.be/AD7uwuaLR-0>.

3.3 Bairro Alto de São Manoel

O sinal do bairro Alto de São Manoel é realizado com as duas mãos com CM em “B”, com a orientação para baixo, fazendo movimento retilíneo para frente e para trás (figura 3).

Figura 3: Sinal do bairro Alto de São Manoel.



Fonte: Elaboração própria, 2024.

Link para visualizar o sinal: https://youtu.be/y5adl_BL9YQ.

3.4 Bairro Alto do Sumaré

O sinal do Bairro Alto do Sumaré é realizado inicialmente com a CM em “S”, com orientação para baixo. Depois a mão abre e fica espalmada fazendo o movimento circular (figura 4).

Figura 4: Sinal do bairro Alto do Sumaré.



Fonte: Elaboração própria, 2024.

Link para visualizar o sinal: <https://youtu.be/aC9S3WEzi5Q>.

3.5 Bairro Barrocas

O sinal do bairro Bom Jardim é realizado com as duas mãos com a CM em “Y”, com os dedos polegares fazendo movimento circular, conforme a figura 5.

Figura 5: Sinal do bairro Barrocas.



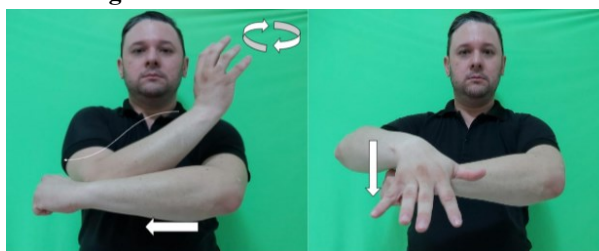
Fonte: Elaboração própria, 2024.

Link para visualizar o sinal: <https://youtu.be/ePgkSFna5Ro>.

3.6 Bairro Belo Horizonte

O sinal do bairro Belo Horizonte é realizado com uma mão espalmada com os dedos semicerrados, fazendo o movimento semicircular para os lados. Depois a mão abre totalmente por cima da mão de apoio, como na figura 6.

Figura 6: Sinal do bairro Belo Horizonte.



Fonte: Elaboração própria, 2024.

Link para visualizar o sinal: <https://youtu.be/x4JDH652UOs>.

3.7 Bairro Boa Vista

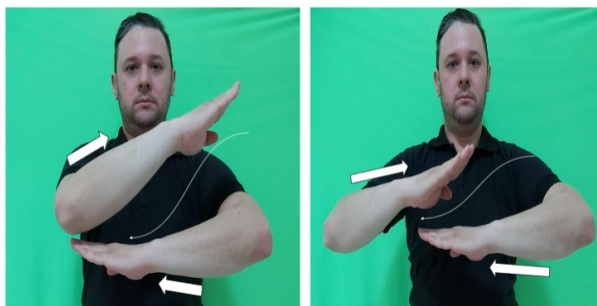
O sinal do bairro Boa Vista, que antes era feito com a configuração das letras “B” e “V” (figura 7), e resolveu-se, em comum acordo com todos os presentes, alterar para algo que lembrasse a história do bairro (figura 8), neste caso, um sinal que remonta aos trilhos de trem, que passava no local.

Figura 7: Sinal antigo do bairro Boa Vista.



Fonte: Elaboração própria, 2024.

Figura 8: Sinal modificado do bairro Boa Vista.



Fonte: Elaboração própria, 2024.

Link para visualizar o sinal: https://youtu.be/_PXpq7iMhBM.

3.8 Bairro Bom Jardim

O sinal do bairro Bom Jardim é realizado com as duas mãos com a CM em “Y”, com os dedos polegares encostados, conforme a figura 9.

Figura 9: Sinal do bairro Bom Jardim.



Fonte: Elaboração própria, 2024.

Link para visualizar o sinal: <https://youtu.be/5cnjJx1mWuk>.

3.9 Bairro Nova Betânia

O sinal do bairro Nova Betânia é realizado com a mão esquerda com a CM em “N”, com a orientação para cima e sem movimento. A mão direita com a CM em “B”, orientação para o lado esquerdo, fazendo movimento sinuoso para frente (figura 10).

Figura 10: Sinal do bairro Nova Betânia.



Fonte: Elaboração própria, 2024.

Link para visualizar o sinal: <https://youtu.be/VWj-mNAqF88>.

3.10 Bairro Planalto Treze de Maio

O sinal é realizado com as duas mãos em CM em “N”, com as palmas viradas para baixo (figura 11). Motivado pelo relevo do bairro, onde é repleto de subidas e descidas.

Figura 11: Sinal do bairro Planalto Treze de Maio.



Fonte: Elaboração própria, 2024.

Link para visualizar o sinal: <https://youtu.be/0qLSy2Fqpgs>.

Muitos sinais utilizados em nossa região (Nordeste) e, mais especificamente, em nosso estado (Rio Grande do Norte) não são os mesmos utilizados em outros estados e regiões do país, mesmo aqueles que são bem próximos. Muitas pessoas, quando não sabem o sinal de determinada palavra, buscam por ele em instrumentos próprios como dicionários, glossários, ou em vídeos na internet, contudo o banco de dados de sinais regionais ainda é bastante escasso, e desta forma acabam memorizando sinais que não são usuais ou comuns no Rio Grande do Norte, o que acaba gerando certa confusão nos processos comunicativos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo mapear os sinais utilizados para designação de alguns bairros mossoroenses. Durante a realização da pesquisa foi possível identificar que já dispomos de topônimos em libras dos bairros de Mossoró e que eles já são amplamente utilizados entre os surdos da comunidade surda da região. Nos proposto a realizar o levantamento de 10 bairros são eles: Bairro Abolição (I, II, III e IV), Bairro Aeroporto, Bairro Alto de São Manoel, Bairro Alto do Sumaré, Bairro Barrocas, Bairro Belo Horizonte, Bairro Boa Vista, Bairro Bom Jardim, Bairro Nova Betânia, Bairro Planalto Treze de Maio. Podemos afirmar que conseguimos lograr com êxito os objetivos propostos. Este trabalho evidencia sua importante relevância para os estudos linguísticos, especificamente, onomásticos da Língua Brasileira de Sinais, bem como visa corroborar para o registro e difusão dos topônimos coletados com a comunidade surda local e da região. Além disso, julgamos ser importante para aprofundamento dos estudos linguísticos da língua de sinais no país ao qual julgamos ser fundamental para fortalecimento da cultura e identidade surda.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, G. P.. **Teoria de amostragem e Teoria de estimação**. Lichinga, maio de 2017. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/54250310/Estatistica_Exercicios_Resolvidos_Graciano-libre.pdf?1503747392=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DEstatistica_Exercicios_Resolvidos_Gracia.pdf&Expires=1729185746&Signature=g5sM90B9BjnAJeNgxnbZsFRPL9UQtA97icZLeP2RIS~ovS~1Pz~fnX8L43IPbYKMlywEzIYXtfYIOlc5U9-l2nYyCmp71FBi7QAPn8U4h5FbeQp0GS4XDRsxtB-Tt06UIQgxUKN1S0iLdf8TAjkkwabL9SxskJtvJlmECHbpLLg1J8dny5hV5zznhAFXhdtGTkHyguAg79g2Y6Q4ro8hhnquqOdw3~MfCi5R5m3ajj~ybkI8yelsZ-AHH9lc-ss2UGM3LO~Rh1Bv7hWJAjp0g0E8BOn9518BrIDktUTYGLEZkSQTFVxNOEeVsnh3kPR1gy3H5u~bOlKHy8fPaBaSg__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 17 out. 2024.

GIL, A. C.. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1946. 175 p. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf. Acesso em: 17 abr. 2024.

GODOY, A. S.. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, jun. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 out. 2023.

LEAL, J. G. G.. **Análise da Variação Lexical dos Topônimos em Libras no Sertão Paraibano**. 2020a. 203 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem, Departamento de Letras Vernáculas, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2020. Disponível em: [https://www.uern.br/controledepaginas/ppcl-discentes-turma-2018/arquivos/4885jessica_girla_ine_analise_da_variacao_lexical_dos_toponimos_\(...\).pdf](https://www.uern.br/controledepaginas/ppcl-discentes-turma-2018/arquivos/4885jessica_girla_ine_analise_da_variacao_lexical_dos_toponimos_(...).pdf). Acesso em: 17 out. 2023.

MENEZES, J. F. **Mapeamento dos topônimos em Libras da região Geográfica intermediária de Mossoró**. 2023. 93 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras Libras, Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Caraúbas, 2023.

QUADROS, R. M. Contextualização dos estudos linguísticos sobre a Libras no Brasil. In: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi; LEITE, Tarcísio de Arantes (org.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais I**. Florianópolis: Insular, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/178905/Ronice_Muller_de_Quadros,_Marianne_Rossi_Stumpf,_Tarcisio_de_Arantes_Leite._Estudos_da_Lingua_Brasileira_de_Sinais_I.pdf?sequence=1#page=15. Acesso em: 16 out. 2023.

SOUSA, A. M.; DARGEL, A. P. T. P. Caminhos da Toponímia no Brasil e as contribuições de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. **Revista Gtlex**, Uberlândia, v. 6, n. 1, p. 6-19, maio de 2021. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTlex/article/view/60925>. Acesso em: 17 out. 2023.

SOUSA, A. M.. **Toponímia em Libras: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=FTpZEAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 17 out. 2023.

SOUZA-JÚNIOR, J. E. G. **Nomeação de Lugares na Língua de Sinais Brasileira: uma perspectiva de toponímia por sinais**. 2012. 346 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

STUBBS, M. **Língua na Educação**. In: BAGNO, M.; G.; STUBBS, M. Língua materna: letramento, variação e ensino. São Paulo. Parábola Editorial, 2002